



UFSM

Artigo Especialização

TIRO DE GUERRA 337  
UM BEM A SER PRESERVADO

Por

Arquiteto e Urbanista Celso Luiz de Souza Lucchese

CECREPAC

Centro de Especialização em Conservação e  
Restauração do Patrimônio Cultural

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**TIRO DE GUERRA 337**  
**UM BEM A SER PRESERVADO**

Por  
Celso Luiz de Souza Lucchese

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em  
Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural  
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,  
RS), como requisito parcial para obtenção do grau  
de

**Especialista em Conservação e Restauração do  
Patrimônio Cultural**

**CECREPAC**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2004**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Tecnologia  
Curso de Especialização em Conservação e Restauração do  
Patrimônio Cultural

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Artigo de Especialização

**TIRO DE GUERRA 337**  
**UM BEM A SER PRESERVADO**

elaborada por  
Celso Luiz de Souza Lucchese

Como requisito para obtenção de grau de  
**Especialista em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Caryl Eduardo Jovanovich Lopes**  
(Presidente/Orientador)

---

**Denise de Souza Saad**  
(Coordenadora)

---

**Dílson**

Santa Maria, 10 de Dezembro de 2004

Dedico este Artigo à Mariluz, minha esposa, que sempre me apoiou e incentivou em meus trabalhos e minhas pesquisas.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO.....	09
A COLONIA DE IJUHY.....	10
AS HABITAÇÕES.....	14
OS PRÉDIOS PÚBLICOS.....	16
OS PRÉDIOS COMERCIAIS.....	23
IJUÍ HOJE.....	33
TIRO DE GUERRA.....	35
O IMÓVEL.....	37
LEVANTAMENTO DE PATOLOGIAS.....	39
CONCLUSÃO.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	46
ANEXOS.....	48

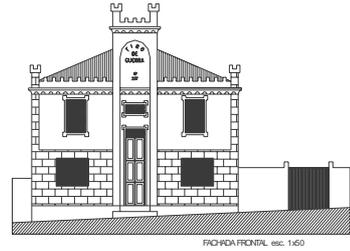
## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Moradia em meio à derrubada da mata para o plantio de milho - Acervo Lindmann (1893).....	11
FIGURA 2 – Barracão para o assentamento de imigrantes recém chegados – 1905 – Acervo MADP (Museu Antropológico Augusto Pestana de Ijuí).....	11
FIGURA 3 - Eixos orientadores iniciais da vila.....	12
FIGURA 4 – Mapa da sede da colônia de Ijuhy – Acervo MADP.....	13
FIGURA 5 – Colônia Ijuhy - Rua do Comércio e outra paralela - 1906 – Acervo MADP.....	14
FIGURA 6 - Casa de família italiana – sem data – Acervo MADP – Arquivo Jansen.....	14
FIGURA 7 – Casa de família sueca – sem data – Acervo Maria Edi Nilsson.....	15
FIGURA 8 – Casa em enxaimel de família alemã – Acervo MADP – Arquivo Beck.....	15
FIGURA 9 – Prédio da Comissão de Terras – início do século – Acervo MADP – Acervo Beck.....	16
FIGURA 10 – Praça da República, tendo ao fundo a Igreja Evangélica - 1940 (Acervo MADP).....	17
FIGURA 11 – Traçado atual da Praça da República (a partir dos anos setenta) – SMODU – MI.....	17
FIGURA 12 - Detalhe da construção da Igreja evangélica (Acervo Museu Albin Brendler).....	18
FIGURA 13 – Inauguração da Igreja Evangélica (Acervo MADP, Arquivo Beck).....	19
FIGURA 14 – Igreja Evangélica – 2004.....	19
FIGURA 15 – Fachadas com formas de triângulo – Desenho do Arq. José Carlos Schirmer	20
FIGURA 16 – Igreja Católica – 2004.....	21
FIGURA 17 – Inauguração da Estrada de Ferro – 1911.....	22
FIGURA 18 – Estação ferroviária – 2004.....	22
FIGURA 19 - Casa Comercial José Lucchese - MADP.....	22
FIGURA 20 - Situação atual do prédio – 2004.....	23

FIGURA 21 - Casa Dico - MADP .....	24
FIGURA 22 – Situação do prédio em 2004.....	24
FIGURA 23 - Casa enxaimel demolida – Jornal Cidade – 1992.....	25
FIGURA 24 - Casa Comercial 344 – Foto da década de sessenta – Fundação Cultural de Ijuí.....	25
FIGURA 25 - Casa Com. na época da demolição – Jornal Cidade	26
FIGURA 26 – Situação atual do espaço (2004).....	26
FIGURA 27 - Reportagem do Jornal Cidade (1992).....	27
FIGURA 28 - Casa Glitz – 2004.....	29
FIGURA 29 - Vila Julieta – MADP.....	29
FIGURA 30 - Detalhe do portão de acesso social (2004).....	30
FIGURA 31 - Cine Serrano no início do século – MADP.....	30
FIGURA 32 - Atual prédio em reforma – MADP.....	31
FIGURA 33 - Fábrica de Balas de estilo eclético (MADP).....	31
FIGURA 34 – Situação atual da fábrica com a fachada já descaracterizada – 2004.....	32
FIGURA 35 – Centro Histórico de Ijuí – Localização dos imóveis .....	32
FIGURA 36 - Área central de Ijuí – 2004.....	33
FIGURA 37 – Ordem Unida na Rua do Comércio .....	36
FIGURA 38 - Tiro de Guerra – Década de setenta (MADP).....	38
FIGURA 39 – Tiro de Guerra atual (2004).....	38
FIGURA 40 – Planta baixa dos pavimentos.....	39
FIGURA 41 – Reboco deteriorado / Vegetação junto às calhas.....	40
FIGURA 42 – Calhas e beirais deteriorados.....	41
FIGURA 43 – Ladrilho característico em todo o piso térreo.....	41
FIGURAS 44 – Ação das chuvas sobre o forro / Cobertura com parte sem telhas.....	42
FIGURA 45 – Porta principal original ainda conservada.....	42
FIGURA 46 – Piso superior ainda conservado.....	43
FIGURAS 47 – Ação das chuvas sobre o forro / Cobertura com parte sem telhas.....	43
FIGURA 48 – Várias patologias sobre as fachadas.....	44
FIGURA 49 – Umidade agindo sobre revestimentos – Azulejos.....	44

## **ANEXOS**

ANEXO I – Mapa do RS.....	49
ANEXO II – Mapa do Município de Ijuí.....	50
ANEXO III – Mapa da Área Urbana de Ijuí.....	51



## **RESUMO**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **TIRO DE GUERRA 337 - UM BEM A SER PRESERVADO**

Autor: Celso Luiz de Souza Lucchese  
Orientador: Caryl Eduardo Jovanovich Lopes  
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 10 de dezembro de 2004.

A cidade de Ijuí é formada por população descendente de uma variação étnica diversificada. Representações organizadas dessas etnias cultivam suas origens com festas anuais no Parque de Exposições Wanderley Agostinho Burmann, nas quais expõem produtos, vestimentas, gastronomia, danças e casas típicas. Embora o Parque de Exposições seja espaço para o cultivo da memória e representação de aspectos históricos da colonização de Ijuí, e para a conservação de objetos e casas que simbolizam o modo de vida dos imigrantes europeus que ali se instalaram, o mesmo zelo não se percebe nas edificações construídas pelos primeiros moradores.

A “fotografia” da cidade apresenta constantes mudanças. Muitas das edificações antigas de grande expressão arquitetônica desaparecem, dando lugar às novas edificações, com a justificativa da geração de mais espaço para moradias e maior modernização. Esta situação, ao mesmo tempo em que gera mais espaços imobiliários, produz maior valorização dos imóveis e,

conseqüentemente, uma forma de especulação imobiliária. Dos prédios históricos, o único imóvel tombado, graças a Lei Municipal nº 1977 de 1º de março de 1984 (Lei do Tombamento), como Patrimônio Histórico e Cultural do Município, é o prédio denominado Tiro de Guerra 337. Este Artigo visa fornecer dados significativos sobre a história deste prédio, além de analisar o espaço e os materiais utilizados em sua construção, com o objetivo de contribuir na execução de sua restauração para que, nesse processo, conservem-se as mesmas características do estilo arquitetônico da época.

## INTRODUÇÃO

As cidades são habitadas por pessoas que possuem memória própria e que são parte integrante da história. A demolição pura e simples das habitações nas quais os antepassados tiveram seu berço; de prédios onde se desenvolveram atividades responsáveis pelo desenvolvimento da cultura local, não nos pode ser indiferente. Essas edificações são testemunhos históricos da vida social, política, econômica e arquitetônica desse espaço em diferentes épocas. Assim, a memória das cidades está no testemunho mudo, porém valioso de seus velhos edifícios e no imaginário social que se desenvolve a partir destes, através das histórias contadas e recontadas pelas pessoas. Alguns prédios servem para transmitir às gerações presentes e futuras os episódios históricos que neles tiveram lugar. Outras obras lembram os padrões utilizados pelos ancestrais, servindo assim de subsídio à História, à Sociologia, à Arquitetura e às demais ciências.

Criar uma consciência coletiva sobre a importância de preservar os valores das tradições, da experiência histórica e da inventividade artística constitui em primeira condição para a preservação de edificações e, por consequência, de seu valor histórico, artístico, científico e afetivo pela coletividade envolvida. Integrar o patrimônio edificado ao contexto urbano atual, tornando-o ativo e vivo através do uso funcional e de sua inserção no dinamismo da vida cultural, social, política e econômica de hoje, representa um desafio importante à arquitetura contemporânea e à gestão de políticas públicas nesta área.

O interesse deste pesquisador é de provocar uma reflexão junto à Comunidade e Poder Público sobre a importância da preservação do prédio do Tiro de Guerra, por tudo o que ele representa na história do município, Prédio este valorizado mais pelo seu valor simbólico do que por suas características arquitetônicas.

## A COLÔNIA DE IJUHY

Na metade do século XIX Cruz Alta e Santo Ângelo eram duas vilas cercadas de mato por todos os lados. Ir de uma a outra exigia paciência e tempo, uma vez que não existia estrada que as ligasse em linha reta. Para cumprir este papel e encurtar a distância em cerca de 60 quilômetros, o governo da Província decidiu abrir uma picada e construir uma passagem com 12 quilômetros de extensão, denominada Picada do Rio Conceição, propiciando a abertura do caminho para a colonização da região.

Conforme Lazzarotto (2002, p.13) “(...) a Colônia de Ijuhy foi fundada em 19 de outubro de 1890. Seu nome derivou de seu maior rio que dividia a colônia e depois o município quase pela metade na direção leste-oeste”.

Na língua Guarani, Ijuhy significa “Rio das Águas Claras ou Rio das Águas Divinas”. Os povos indígenas foram os primeiros habitantes da região.

Sua emancipação política ocorreu em 31 de janeiro de 1912. No início de 1890, a Delegacia de Terras e Colonização, através de seu diretor Augusto Pestana, encarregava o engenheiro José Manuel de Siqueira Couto, chefe da Comissão de Terras em Silveira Martins, para proceder à medição de lotes e prepará-los para o recebimento dos imigrantes ao núcleo de “Ijuhy Grande”. A intenção de misturar imigrantes de várias etnias foi levada ao extremo. Era política do governo estadual evitar a criação de núcleos puros.

O Padre Antony Cuber, percorrendo o povoado em 1898, detectou 19 idiomas distintos (BINDÉ, 1996).

Os primeiros imigrantes eram, em sua maioria, de origem polonesa. Estes tiveram muita dificuldade de adaptação ao clima e ao ofício de derrubar mato e abrir picadas.

As primeiras habitações eram barracões onde os imigrantes aguardavam com suas famílias, a construção da casa provisória no lote

recebido. Logo após, chegaram à Colônia imigrantes italianos, oriundos de colônias velhas, como Caxias do Sul e Silveira Martins; alemães, provindos em grande parte da colônia de São Leopoldo e da Rússia, além de suecos, austríacos, letos, espanhóis, libaneses, árabes e negros que também provinham das colônias velhas.



Figura 1 - Moradia em meio à derrubada da mata para o plantio de milho - Acervo Lindmann (1893)

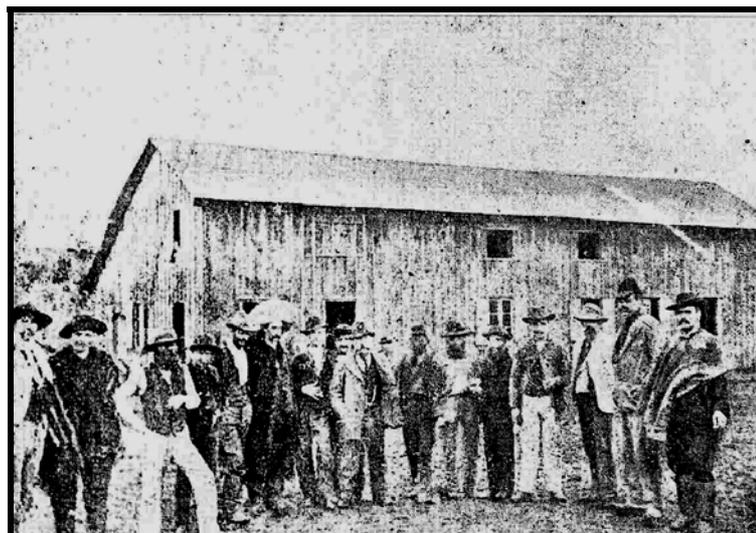


Figura 2 – Barracão para o assentamento de imigrantes recém chegados – 1905 – Acervo MADP (Museu Antropológico Augusto Pestana de Ijuí)

A malha urbana, assim como a área rural, também foi toda planejada e projetada por agrimensores que sucederam Siqueira Couto. Quadras de cem por cem metros (10.000 m<sup>2</sup>) foram projetadas em direção norte/sul, leste/oeste. Esta malha era a sede da Colônia, onde se localizava inicialmente o comércio e os órgãos administrativos e burocráticos.

Este desenho partia do cruzamento dos dois eixos orientadores. O eixo principal, também chamado de *linha base* é o que corresponde o sentido norte-sul, atualmente rua 13 de Maio. O outro eixo é o do sentido leste-oeste, antigamente chamado de *Travessão 20*, o que hoje corresponde a Rua Do Comércio. Esta orientação espacial rege, até hoje o planejamento urbanístico de Ijuí. (SILVA, 2003, p.45).

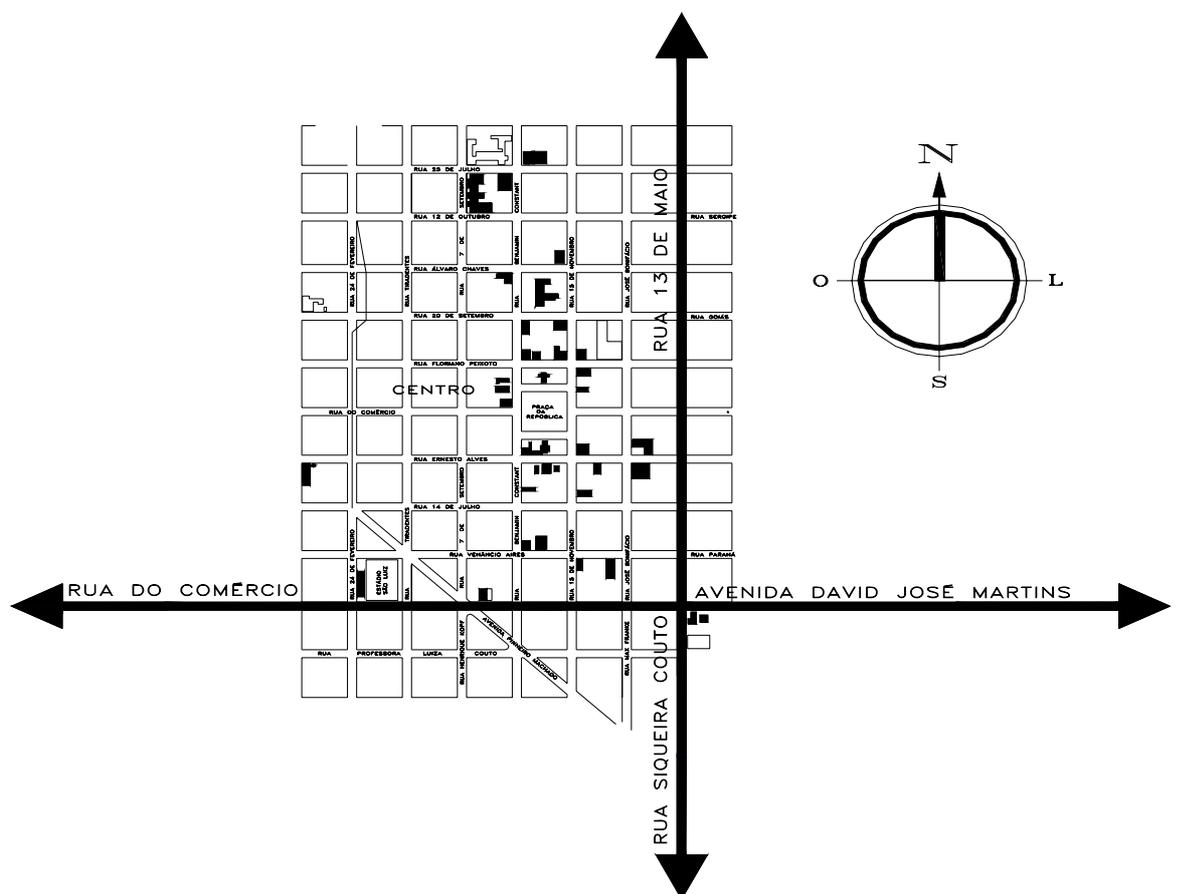


Figura 3 - Eixos orientadores iniciais da vila

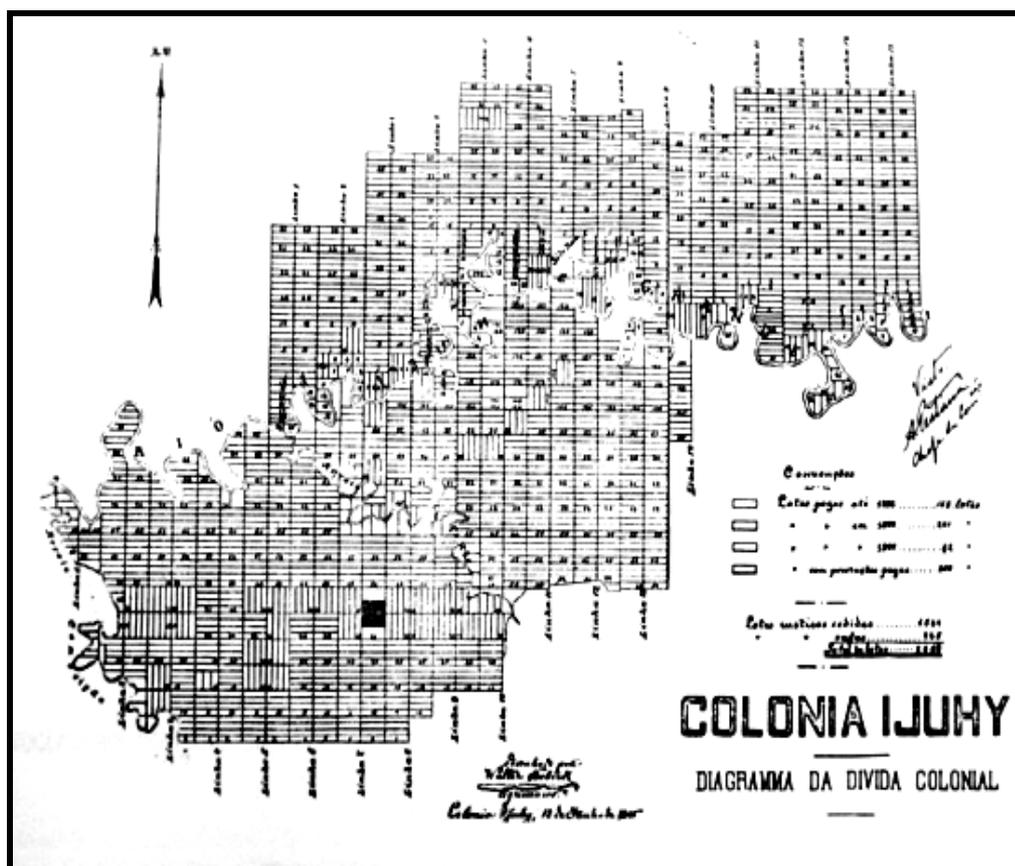


Figura 4 – Mapa da sede da colônia de Ijuhy – Acervo MADP.

Em 1899, o relatório do intendente Augusto Pestana sobre o recenseamento realizado em Ijuí, entre outras informações, relata a existência de 2715 lotes demarcados.

A população era de 7.413 pessoas, sendo 585 na sede. Na área central duas casas serviam de templos provisórios para evangélicos e católicos, além de 65 casas de alvenaria e 72 de tábuas. Havia em toda a colônia, 85 casas de comércio, sendo 22 na sede; 56 estabelecimentos industriais, sendo 7 na sede. (LAZZAROTTO, 2002, p.77)

A malha urbana é formada por prédios de diferentes usos e finalidades. Entretanto, para a realização deste estudo, efetuou-se o recorte para uma reflexão específica em torno de prédios habitacionais, públicos e comerciais.

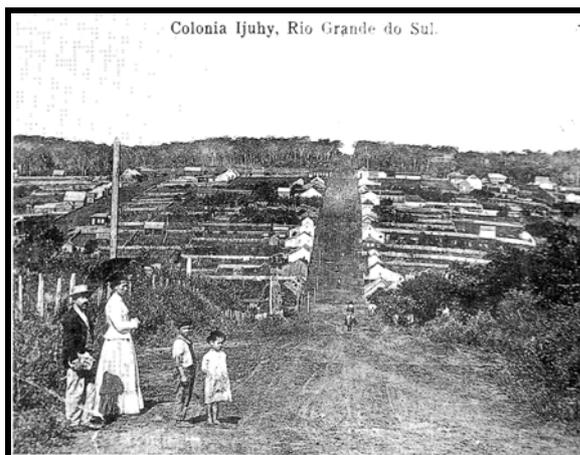


Figura 5 – Colônia Ijuhy - Rua do Comércio e outra paralela - 1906 – Acervo MADP

## AS HABITAÇÕES

Ao analisar as fotos dos primeiros habitantes do início do século XX, muitas encontradas no acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana de Ijuí, constatam-se diferentes estilos de construções, que variavam de acordo com a etnia do proprietário.

SILVA (2003) cita que as casas dos italianos eram em madeira, pedra, ou ambas, geralmente com dois pavimentos; possuíam telhas com placas de madeira em duas águas, e grandes avarandados, além de sacadas em madeira. As aberturas em tampos de madeira, algumas com vidros.



Figura 6 - Casa de família italiana – sem data – Acervo MADP – Arquivo Jansen

As casas dos alemães eram em estilo *enxaimel*. Apresentavam um engradado de madeira a estruturar os tijolos. A cobertura também em placas de madeira ou zinco.

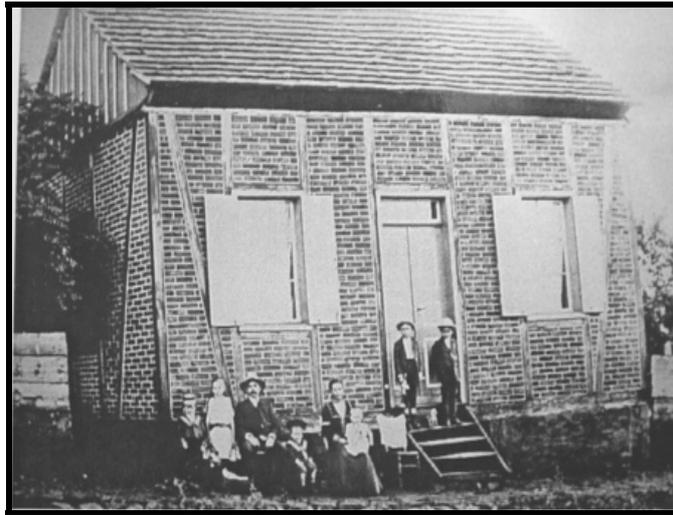


Figura 7 – Casa de família sueca – sem data – Acervo Maria Edi Nilsson.

A casa típica dos suecos, por sua vez, era feita com pranchas rústicas de madeira, reforçada por quatro moirões nas laterais.



Figura 8 – Casa em enxaimel de família alemã – Acervo MADP – Arquivo Beck

A madeira, fartamente encontrada na região, era o material mais utilizado nessas habitações. Com ela, os colonos construíram estilos diferentes que lembravam modelos arquitetônicos dos países europeus de sua origem.

## OS PRÉDIOS PÚBLICOS

O prédio da Comissão de Terras em seu estilo neoclássico, construído em 1903, veio modificar a imagem da Colônia, tornando-se um dos marcos iniciais das edificações em alvenaria. Localizado em ponto estratégico, em frente ao lugar onde no futuro próximo se localizaria a praça central. Esse prédio passa a ser a expressão do poder e autoridade por suas linhas sóbrias. A simetria das suas janelas, portas, contornos e balaústres verticais, era interceptada pelas linhas horizontais das cornijas e caixotes sobre as janelas.



Figura 9 – Prédio da Comissão de Terras – início do século – Acervo MADP – Acervo Beck.

A Praça da República era o centro da organização burocrática e simbólica, pois era o local de cruzamento da população ao direcionar-se aos diversos pontos da vila. Foi em frente a ela que se estabeleceram as duas principais igrejas do município.



Figura 10 – Praça da República, tendo ao fundo a Igreja Evangélica - 1940 (Acervo MADP).

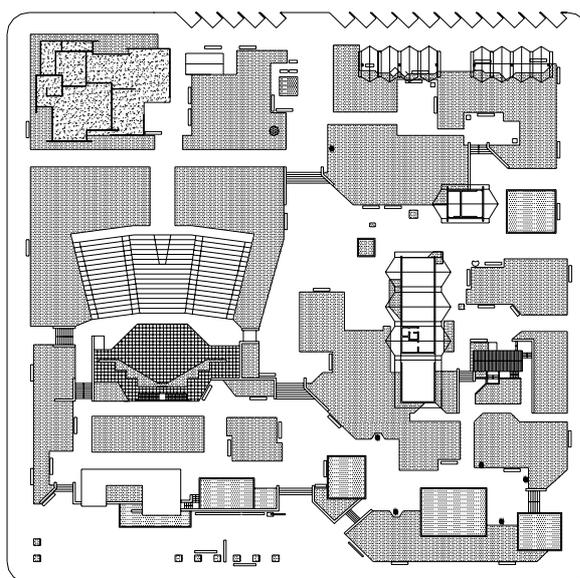


Figura 11 – Traçado atual da Praça da República (a partir dos anos setenta) – SMODU – MI.

No quadrante norte, a Comunidade Evangélica lançou a pedra fundamental da Igreja em janeiro de 1909, tendo sido definitivamente inaugurada em maio de 1914. O detalhe de sua construção está bem ao alto da torre, rodopiando à mercê dos ventos sobre a cruz metálica, um galo metálico (símbolo cristão de grande importância na Idade Média).

Composta por uma nave central, transepto, abside e átrio, a planta da igreja obedece ao modelo em forma em cruz latina, que remonta aos primeiros modelos de igreja da Cristandade. Externamente, o espaço de cruzamento entre a nave e o transepto é realçado por um pináculo que sustenta uma cruz de metal. O teto acompanha o caimento dos telhados, sustentado por robustas vigas de madeira aparente (SILVA, 2003, p.35).

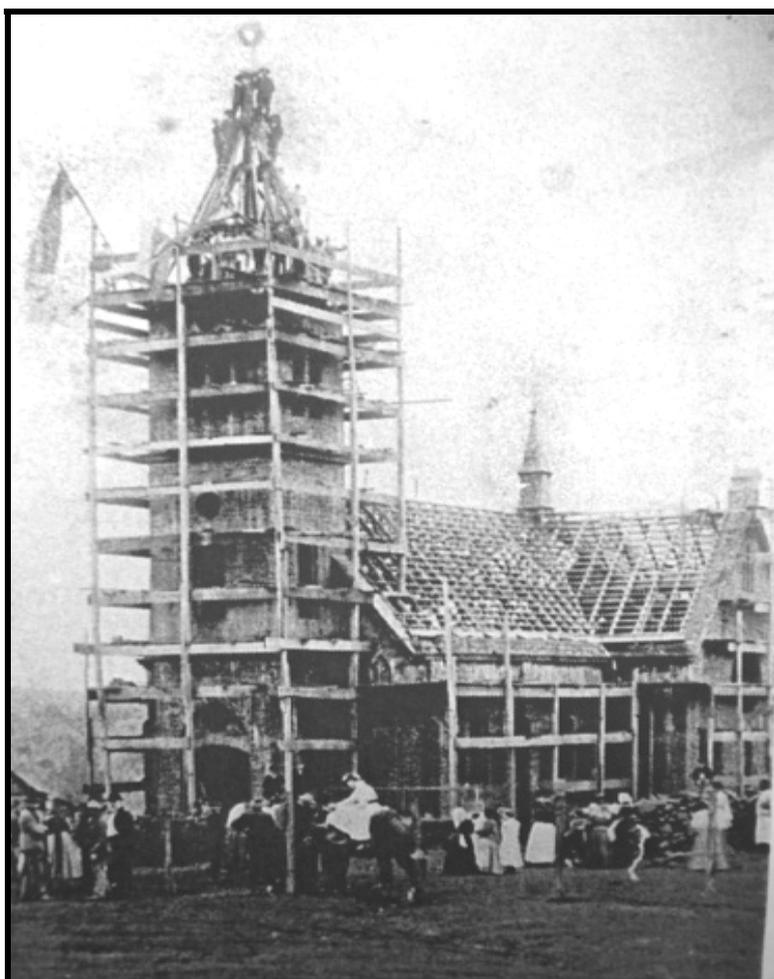


Figura 12 - Detalhe da construção da Igreja evangélica (Acervo Museu Albin Brendler).



Figura 13 – Inauguração da Igreja Evangélica (Acervo MADP, Arquivo Beck).



Figura 14 – Igreja Evangélica – 2004

No quadrante sul, foi edificado o prédio da Igreja Católica, denominada Nossa Senhora da Natividade. Em 1896, a sede era rústica. Mesmo com a ampliação em 1909, manteve estilo bem rudimentar, indefinido. Num domingo de fevereiro do ano de 1927, os habitantes da pequena vila acordaram com o replicar dos sinos, anunciando a inauguração da nova fachada da igreja, agora em estilo neogótico com formato triangular. Conforme o Arquiteto José Carlos Schirmer, autor do projeto da reforma da igreja no ano de 2000, este formato triangular foi o resultado de uma fórmula que determinava as proporções da altura das torres, fórmula esta muito utilizada pelos projetistas da época de sua construção.

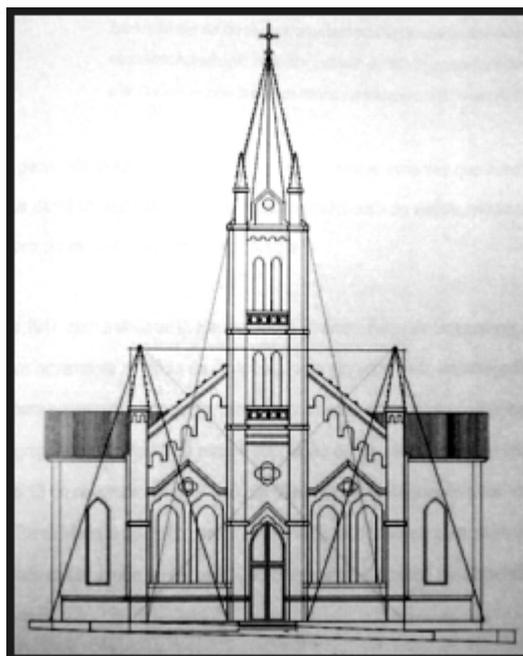


Figura 15 – Fachadas com formas em triângulo – Desenho do Arquiteto José Carlos Schirmer

“No plano de engenharia e arquitetura, a novidade decisiva foi a estruturação da obra por meio de arcobotantes e dos contrafortes, que permitiam que o peso da abóboda fosse distribuído entre as partes

externas da obra”(SILVA, 2003, p.35). Com paredes menos espessas, sobra espaço para os vitrais e elementos vazados, dando um efeito belo de luz e cores.

Na década de setenta, o interior sofreu uma reforma que o descaracterizou totalmente. Com características modernistas, todo o interior foi modificado. O pé-direito foi reduzido com a colocação de um forro horizontal do tipo “Eucatex”. O altar original foi escondido por paredes divisórias e muitas imagens foram retiradas. Esta descaracterização foi desfeita com uma nova reforma no início do ano 2.000, devolvendo a imagem original interna do teto e do altar assim como as esquadrias e imagens anteriormente retiradas.



Figura 16 – Igreja Católica - 2004

A instalação da estrada de ferro em 19 de outubro de 1911 gerou um grande impulso ao desenvolvimento comercial e industrial da colônia. Com estilo arquitetônico característico, como a maioria das estações ferroviárias do interior do estado, encontra-se atualmente em uso esporádico, servindo ao transporte de produtos agrícolas e de materiais de construção. A empresa foi privatizada no ano de 1997, pertencendo atualmente à América Latina Logística.



Figura 17 – Inauguração da Estrada de Ferro – 1911



Figura 18 – Estação ferroviária – 2004

## OS PRÉDIOS COMERCIAIS

Com o crescimento da vila, vários prédios comerciais em alvenaria foram sendo construídos. Os locais mais disputados eram no centro, principalmente em volta a Praça da República e junto às ruas que formam o eixo de desenvolvimento. Muitos deles ainda existem, a maioria com fachadas em estilo eclético, escondidas por placas e cartazes, como é o caso do antigo prédio das Lojas Dico (primeiro representante Chevrolet de Ijuí) hoje descaracterizado por uma farmácia; e do antigo prédio da Loja José Lucchese, hoje bem descaracterizado e sede de uma loja de calçados.



Figura 19 - Casa Comercial José Lucchese - MADP



Figura 20 - Situação atual do prédio – 2004



Figura 21 - Casa Dico - MADP



Figura 22 – Situação do prédio em 2004

Num dos pontos mais elevados da cidade, a casa em enxaimel estava localizada na esquina das Avenidas Getúlio Vargas e Coronel Dico. Um dos últimos expoentes da arquitetura alemã em Ijuí, a casa fazia parte da história do município e serviu de recursos estratégicos no início do século por estar localizada na entrada da cidade. Foi armazém e enfermaria a serviço de quem chegava ou saía. Essa casa estava em abandono total até ser divulgado pela imprensa o desejo da Fundação Cultural em tombá-la. A imprensa noticiou a provável visita dos

representantes da Fundação na seguinte semana. Com incredulidade, a população de Ijuí soube, na manhã do dia 02 de outubro de 1992, que a casa havia sido demolida. Embora tenham-se passados vários anos, ainda se discute na Justiça a sua reconstrução ou não.

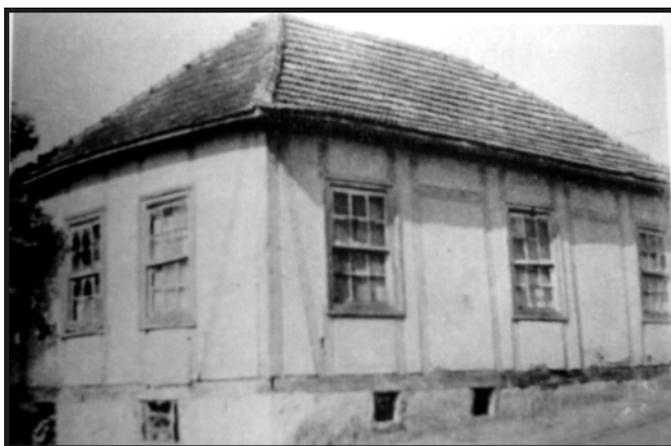


Figura 23 - Casa enxaimel demolida – MADP

Seguindo esse processo, muitas casas de características e estilos arquitetônicos bem característicos foram demolidas. O prédio localizado na Rua do Comércio, 344, era um lindo exemplar do ecletismo, com predominância de detalhes em “Art Nouveau”.



Figura 24 - Casa comercial – Foto da década de sessenta – Fundação Cultural de Ijuí

A casa localizada na esquina da Avenida Cel. Dico e da Rua 13 de Maio, também cedeu lugar a um prédio de vários pavimentos. Durante cinquenta anos, esse prédio, que tinha como marcante característica a cobertura com telhas quadradas de cimento, pertenceu a família Genz. Essa família instalou no início da colonização uma cervejaria e fábrica de gasosa da marca Ganso. Mais tarde se tornou uma fábrica de gelo, venda de café e fábrica de charutos e cigarrilhas da marca Genz.



Figura 25 - Casa na época da demolição – Jornal Cidade.



Figura 26 – Situação atual do espaço (2004).

A casa comercial do “Homem da Bola”, localizada na esquina da Rua do Comércio com a Rua 24 de Fevereiro, também muito popular pela figura de Atlas sustentando o mundo, deu lugar a um posto de abastecimento. Esta casa alimentava a imaginação das pessoas, principalmente os colonos. Algumas pessoas não passavam sobre a estátua com receio que a bola pudesse cair. Outras conversavam com a estátua ou a cumprimentavam. Hoje o espaço é ocupado por um posto de abastecimento.



Figura 27 - Reportagem do Jornal Cidade (1992).

Com o propósito único de manter sob o seu domínio, muitos proprietários, com o receio de ver seus imóveis serem tombados pelo município de Ijuí, descaracterizam os imóveis, retirando todos os detalhes

das fachadas. A grande maioria desses prédios já foi demolida e hoje dão lugar a terrenos vazios ou imponentes edifícios.

A falta de informação das pessoas em relação ao Tombamento em Ijuí transforma o processo de preservação de imóveis antigos algo difícil. Desconhecem que o Tombamento não altera a propriedade do bem, apenas impede que venha a ser destruído ou descaracterizado. Um bem tombado não precisa ser necessariamente desapropriado. Não existe qualquer impedimento para a venda, aluguel ou herança de um bem tombado. De acordo com o sítio do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - na Internet, “o Tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, através de uma legislação específica, os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico ambiental e afetivo de uma comunidade”. O Tombamento estabelece limites aos direitos individuais, com o objetivo de resguardar e garantir os direitos e interesses do conjunto da sociedade.

Essa ânsia de modernização parte do falso pressuposto, calcado na ignorância do proprietário do respectivo imóvel, de que a arquitetura antiga é ultrapassada e só o moderno é válido. Na restauração e conservação dos prédios antigos, nada impede que no seu interior sejam aplicadas as modernas técnicas de conforto e de higiene e que o mesmo seja adaptado às mesmas, sem que haja, entretanto, deturpação de seu estilo original (...); Nós, cada vez mais, buscamos a nossa tranquilidade e a sensação de sentirmos seres humanos (...); Daí a conservação de nossos velhos prédios ser uma necessidade, pois sua presença, além da experiência histórico-cronológica, nos imprime aquele sentimento de segurança e afetividade familiar, bem como a certeza de estarmos ligados às gerações passadas, fator essencial da existência... (TELLES, 1977, p.24-25).

Poucos prédios permanecem conservados pelos proprietários, entre eles o prédio comercial em estilo eclético localizada na esquina da Rua 19 de Outubro com a Rua do Comércio.



Figura 28 - Casa Comercial – 2004.

A casa localizada na rua 20 de Setembro, 889, era conhecida por Vila Julieta. É um dos belos exemplos de conservação. No momento de sua construção, destacou-se por sua opulência e beleza, refletindo a prosperidade e importância de quem ali haveria de habitar. Sua localização, junto à estação férrea, facilitava o contato com o comércio e transporte de madeiras, próspera atividade do então proprietário. A casa é também popularmente conhecida por “A casa dos leões” por sua fachada ser protegida por duas molduras de leões em concreto, apoiados por dois pilares, junto ao portão de acesso.



Figura 29 - Vila Julieta – MADP



Figura 30 - Detalhe do portão de acesso social (2004).

O Cine Serrano, primeiro cinema de Ijuí, localizado ao lado da Igreja Matriz da Natividade, também encerrou suas atividades na década de oitenta. Hoje está sofrendo uma reforma que o descaracteriza para sempre.



Figura 31 - Cine Serrano no início do século – MADP



Figura 32 - Atual prédio em reforma – MADP

O prédio da Fábrica da Balas também ostentava até os anos oitenta uma fachada eclética, descaracterizada logo após um sinistro que resultou numa reforma com a descaracterização arquitetônica total. Com a transferência da fábrica ao Distrito Industrial, o espaço hoje é ocupado por um templo religioso.



Figura 33 - Fábrica de Balas em estilo eclético (MADP)



## IJUÍ HOJE

Localizado no noroeste do estado, Ijuí com aproximadamente 80 mil habitantes, é a cidade que mais cresce na região (ver Anexos I e II). Conforme números obtidos junto à agência do IBGE nesta cidade, houve um aumento populacional muito maior, entre os anos 2003 a 2004, do que em outras cidades da região tais como Cruz Alta e Santo Ângelo (IMPARCIAL, 2004). Isso muito se deve à existência de uma universidade (UNIJUÍ), monopólio em educação regional, além dos hospitais de Caridade de Ijuí, Bom Pastor e UNIMED, referenciados regionalmente (CORREIO DO POVO, 2004, p. 16), refletindo principalmente no crescimento dos setores ligados à construção civil.

A cidade é hoje um canteiro de obras. Altos prédios começam a se impor nesse cenário, invadindo espaços antes ocupados por prédios de cunho histórico relevante. Conforme dados da Secretaria Municipal de Obras Urbanas, referentes à construção civil no município nos últimos 12 meses, o número de prédios habitacionais e comerciais com múltiplos pavimentos construídos ou em execução foi de 42, totalizando uma área de 109.922,30 m<sup>2</sup>. Não estão computados os prédios térreos e ampliações. Todo esse crescimento gerou uma grade especulação imobiliária em relação aos imóveis, principalmente os localizados em pontos de grande interesse comercial.



Figura 36 - Área central de Ijuí – 2004

Como aliar este estágio de desenvolvimento a um conceito de preservação do bem de valor histórico, cultural, arquitetônico? Muito tempo se passou até a comunidade despertar a consciência da necessidade de preservar os monumentos históricos.

No ano de 1984, foi promulgada a Lei Municipal número 1977, que dispõe sobre a proteção ao patrimônio histórico e cultural do município de Ijuí. Até então muito pouco tinha sido feito em relação ao tombamento de prédios históricos.

No ano de 1985, o Jornal da Manhã em sua edição de 8 de maio, destaca em sua página frontal “Preservar a memória é preocupação recente”. Naquela semana, foi criada pelo Município, através de Portaria, a Comissão de Preservação do Patrimônio de Ijuí. Essa Comissão, juntamente com o Arquiteto Luiz Antonio Custódio, representante da Décima Delegacia da então SPHAN – Subsecretaria do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional do Ministério de Educação e Cultura (hoje IPHAN), visitaram vários imóveis. À noite, o Arquiteto proferiu uma palestra na Câmara de Vereadores. Essa data marcou o início das discussões sobre a preservação do patrimônio na cidade.

Um fator importante para a organização do espaço urbano foi a promulgação do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Ijuí, em julho de 1993 (Leis Complementares nº 2886, nº 2887 e nº 2888).

No ano de 1997, o primeiro prédio é tombado pelo município. O Decreto do Executivo Municipal de número 2218, de 2 de maio de 1997, declara parte integrante do patrimônio histórico e cultural de Ijuí o imóvel denominado “Tiro de Guerra 337”, situado na rua Álvaro Chaves, 254, de propriedade do município, adquirido por desapropriação.

## TIRO DE GUERRA

No ano de 1896, as Forças Armadas, com o objetivo de aproximar do Exército os jovens da classe média e alta, cria a Confederação Brasileira de Tiro. Já no ano seguinte 50 sociedades de tiro estavam organizadas com um total de 13.511 membros. Data de 12 de agosto de 1915 a correspondência recebida do Comando da 7ª Região Militar de Porto Alegre para o intendente municipal o Cel. Antônio Soares de Barros (Cel Dico), em que aquele comando dizia: “O Tiro Brasileiro prepara os cidadãos para a defesa da pátria. O exército permanente tem um efetivo muito pequeno. Mesmo que o Legislativo aumente o efetivo para 30 mil soldados, ainda é um número pequeno, mesmo sendo o máximo a que podemos aspirar neste momento de crise mundial...” (JORNAL DA MANHÃ, 1990, p. 4). Estava evidente a necessidade de o exército recrutar jovens voluntários. Nessa mesma correspondência, o Comando insiste para que o Cel Dico “tome a iniciativa patriótica de fundar uma associação de tiro no município”.

No ano de 1917, foi fundado o Tiro de Guerra de Ijuí. Um ano após sua fundação, já contava com 70 sócios. O Tiro de Guerra representava uma manifestação de alto patriotismo. Em caso de ameaça de guerra, os recrutas poderiam ser chamados a desempenhar missões de mais alta relevância para a defesa do país, por isso foram credores de todo o apoio e carinho das autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais. Não eram, porém, forças militares previstas como tais. Sua função era de escolas de preparação militar.

Os associados pagavam as mensalidades que sustentavam todas as atividades. Podiam associar-se os maiores de 16 anos, sendo obrigatório a permanência até aos 25 anos de idade.



Figura 37 – Ordem unida na Rua do Comércio – Acervo MADP

Os associados tinham instruções semanalmente. Após um ano de instrução, o aluno submetia-se a uma prova de tiro, que o deixava apto ou não à reserva. As linhas de tiro seriam repetidas todos os meses até completar 25 anos.

O Tiro de Guerra 337 funcionou em Ijuí, na Rua Álvaro Chaves, 254, e no terreno localizado na Linha 3 onde havia treino de tiro ao alvo, do ano de 1917 até 1944, tendo passado por suas fileiras 1310 sócios, formando 25 turmas de reservistas. O número 337 significa o número da entidade no país. Após a instalação definitiva da Guarnição Federal em Ijuí, o Tiro de Guerra 337 paralisa suas atividades passando a denominar-se Centro de Reservistas do Tiro 337.

Em julho de 1993, a diretoria do então Centro de Reservistas do Tiro de Guerra 337 extinguiu a entidade, por não ter mais qualquer finalidade cívica ou social. Estiveram presentes ao ato os reservistas Raymundo Adolfo Shulz, Ulrich Löw, Walter Muller, João Evaldo Kirst, Arno Kirst e Wandoaldo Vieira Kopf. O seu arquivo, por conteúdo histórico, foi doado ao Museu Antropológico Diretor Pestana e seus imóveis ao Poder público local.

## O IMÓVEL

A Arquitetura do imóvel, por ter a função militar, é do tipo *fortificação*. A platibanda junto à cobertura é uma estilização da *Ameia ou Acastelado*, que são parapeitos recortados a intervalos regulares para a colocação das peças de artilharia. Atualmente a cobertura é em telhas de zinco, embora fotos mais antigas demonstrem ser originalmente do tipo “francesas”.

Com dois pavimentos, a área total do prédio é de 445,90 m<sup>2</sup>. O prédio possui compartimentos destinados a Secretaria, Tesouraria, Administração, e Salas de Instrução. O Sanitário encontra-se anexo aos fundos.

O pavimento térreo possui piso em ladrilhos cerâmicos. O pavimento superior possui estrutura e piso em madeira. As janelas superiores são todas em madeira e vidro sem venezianas. As duas escadas internas foram confeccionadas em madeira. As paredes externas e internas são em alvenaria, rebocadas e pintadas em ambas as faces.

Ao longo dos anos o prédio sofreu várias alterações em seus componentes originais, sem, no entanto, modificar sua estrutura. Além da cobertura já relatada, as janelas de madeira no primeiro pavimento foram substituídas por basculantes de ferro. A porta de madeira externa da fachada leste foi substituída por uma de ferro. Nos últimos anos o prédio foi ocupado pelo Poder Público Municipal para diversas atividades, sendo a mais representativa a Secretaria do Bem Estar.



Figura 38 - Tiro de Guerra – Década de setenta (MADP)



Figura 39 – Tiro de Guerra atual (2004)

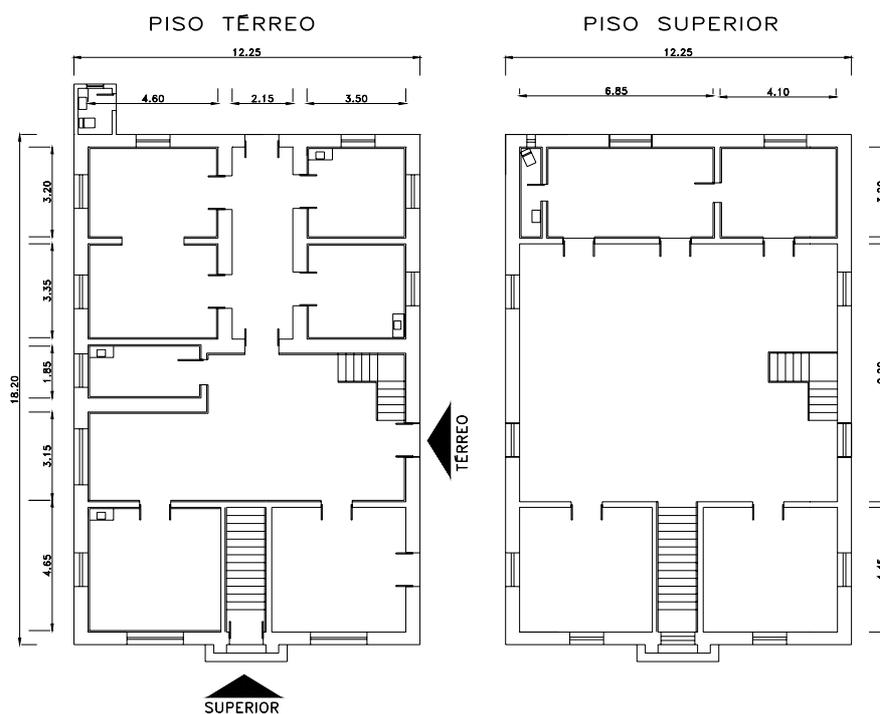


Figura 40 – Planta baixa dos pavimentos.

## LEVANTAMENTO DE PATOLOGIAS

Atualmente, o prédio encontra-se sem utilização, com parte da cobertura sem telhas e outra parte infestada de pombos. As paredes e materiais estão deteriorados pela ação do tempo, das manifestações climáticas, dos microorganismos, e principalmente pela falta de conservação do imóvel pelo Poder Público, que é o proprietário e responsável por tal ação.

Está em tramitação na Secretaria Estadual da Cultura o projeto de liberação de recursos para a recuperação do Tiro de Guerra. A obra de restauração, que busca amparo na Lei de Incentivos à Cultura (LIC – Lei estadual número 10.846 de 19 de agosto de 1996 – Artigo 5 – inciso VII) se baseia na importância do espaço como patrimônio histórico e cultural para Ijuí e região (MANHÃ, Jornal da – **Geral** – sábado, 2004). Em uma de suas justificativas, a diretora do Museu Antropológico Diretor Pestana

de Ijuí (MADP), Leonilda Pressler, destacou a necessidade de recuperar o prédio para, além de preservar a memória arquitetônica do município, disponibilizar a ocupação desse espaço para a Fundação Cultural de Ijuí. Nesse projeto, o município participará com a contrapartida de 25% dos recursos necessários. O projeto tramita no Governo do Estado para a análise da comissão técnica. Posteriormente, segue para a avaliação do Conselho Estadual da Cultura, responsável pela aprovação.



Figura 41 – Reboco deteriorado / Vegetação junto às calhas



Figura 42 – Calhas e beirais deteriorados



Figura 43 – Ladrilho característico em todo o piso térreo



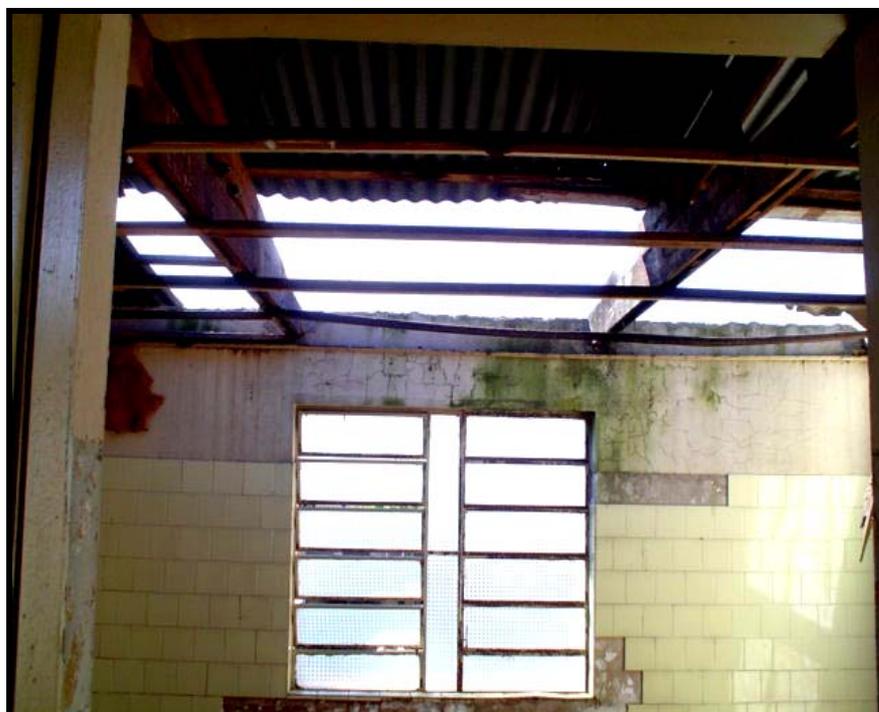
Figuras 44 – Ação das chuvas sobre o forro / Cobertura com parte sem telhas



Figura 45 – Porta principal original ainda conservada



Figura 46 – Piso superior ainda conservado



Figuras 47 – Ação das chuvas sobre o forro / Cobertura com parte sem telhas



Figura 48 – Várias patologias sobre as fachadas



Figura 49 – Umidade agindo sobre revestimentos – Azulejos

## CONCLUSÃO

Este Artigo buscou encontrar subsídios que levem às pessoas tomarem consciência do valor do Patrimônio Histórico da cidade de Ijuí, principalmente no que se refere ao prédio do Tiro de Guerra. A administração do Município começa a procurar recursos para a sua restauração. A primeira etapa já foi concluída, ou seja, o seu Tombamento, assegurando, em princípio, que este bem precioso e insubstituível, não seja destruído ou descaracterizado.

Devido às condições atuais do imóvel, é imprescindível uma maior agilização no processo do restauro. A cobertura, que o protege da umidade, e que é um dos fatores que mais interferem na degradação dos materiais, encontra-se totalmente comprometida.

De posse dos recursos, a intervenção sobre este imóvel deverá ser de caráter conservativo, com as obras de manutenção e adaptação limitadas, levando-se em consideração o conjunto arquitetônico já consolidado de forma a não descaracterizá-lo.

Além dos recursos necessários, é preciso desencadear ações de divulgação e difusão das obras que pertencem ao Patrimônio Cultural da cidade. Dadas às características da sociedade contemporânea, não é suficiente que o bem cultural permita apenas a sua apropriação social, mas é necessário promovê-lo como bem cultural. Divulgar esses bens deve ser um compromisso do Poder Público e de todo o cidadão para que, conhecendo a história, se reconheça o valor.

## BIBLIOGRAFIA

BERTUSSI, Paulo Iroquez. et al. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BINDÉ, Carlos. et al. **Zero Hora**. Origens do Rio Grande. Porto Alegre, 04 dez. 1996.

CIDADES. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 mar. 2004. p.16 .

CUBER, Antoni. **Nas margens do Uruguai**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996.

FILHO, Nestor Goulart Reis Filho. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978. Coleção Debates Arquitetura.

IBGE REVELA. **Jornal Imparcial**, Ijuí, 04 set. 2004. Geral.

PRESERVAR a memória é preocupação recente. **Jornal da Manhã, Ijuí**, 08 mai. 1985. Geral

GERAL. **Jornal da Manhã**. Ijuí, 14 ago. 2004.

CADERNOS do Centenário. **Jornal da Manhã**. Ijuí, 25 ago. 1990. p.4.

LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Ed.Unijuí, 2002. Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana.

MARQUES, Mario Osório; GRZYBOWSKI, Lourdes Carvalho. **História visual da formação de Ijuí – Rio Grande do Sul**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

PEVSNER Nikolaus.- et al. **Dicionário enciclopédico de arquitetura**. Rio de Janeiro: Artenova , 1977.

SILVA, Marilda Almeida da. Fragmentos: **Vestígios que contam histórias: Ijuhy (1890-1942)**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado – Pós Graduação em Artes Visuais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SILVA, Nery Luiz Auler da. **Arquitetura rural do planalto médio do século XIX – antigas fazendas** . Passo Fundo: Imprensa Livre, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade – uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

STRICKLAND, Carol. **Arquitetura comentada – uma breve viagem pela história da arquitetura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

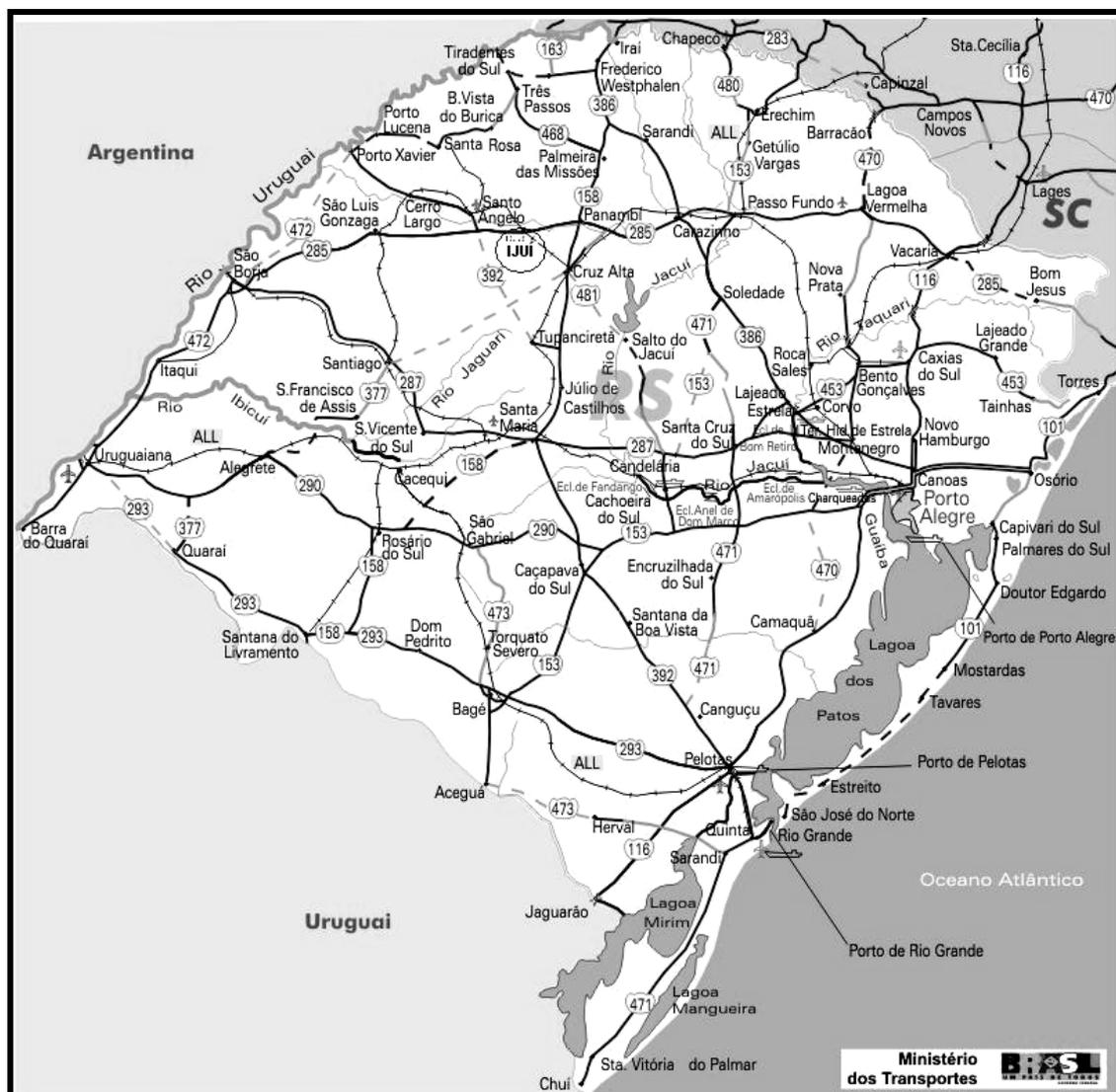
TELLES, Leandro Silva. **Manual do patrimônio histórico** – Coleção Temas Gaúchos – Co-edição Universidade de Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Prefeitura Municipal de Rio Pardo - 1977.

UFSM. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses** – MDT. 5.ed. Santa Maria: Ed.da UFSM, PRPGP, 2000.

# **ANEXOS**

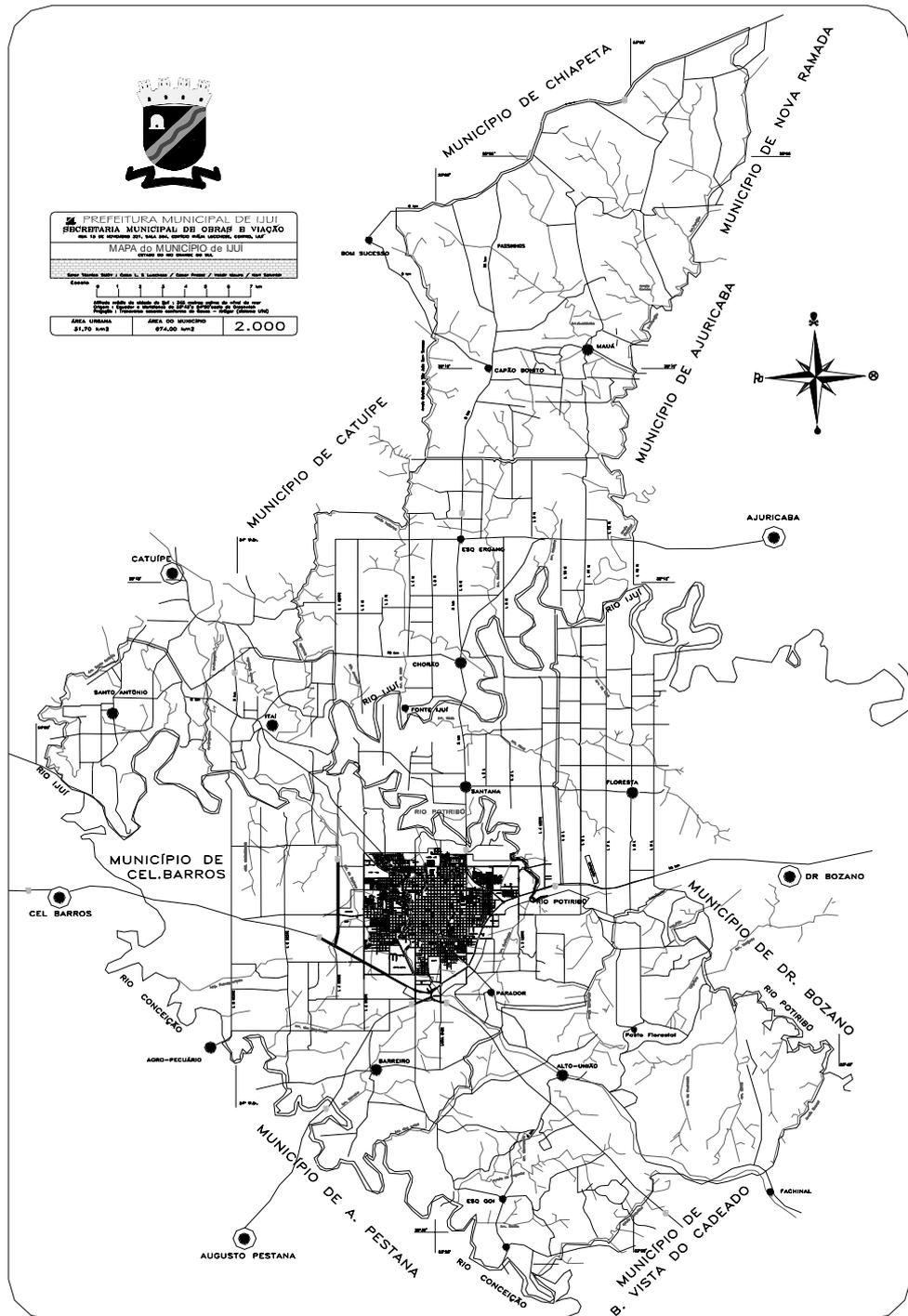
## ANEXO I

Mapa do RS - Localização do município de Ijuí – Ministério dos Transportes



ANEXO II

Município de Ijuí – SMODU – PMI



## ANEXO III

## Setor Urbano de Ijuí – SMODU – PMI

